

Imprensa Integralista: uma discussão acerca de sua importância para a expansão da Ação Integralista Brasileira

Murilo Antonio Paschoaleto*

Resumo: É reconhecido por todos, hoje, a importância central desempenhada pela imprensa na propaganda política. De acordo com Leal, a propaganda política moderna tem suas origens na Rússia, com a Revolução Russa, e na Alemanha, com o Nazismo. Já no Brasil, segundo Oliveira, a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi o primeiro movimento/partido que utilizou a imprensa de forma sistemática e radical, pois até então, tais movimentos e partidos mantinham jornais muito mais informativos do que doutrinários. Assim, no que se refere à propaganda política no Brasil, podemos dizer que foram os camisas-verdes os primeiros a pô-la em prática.

A AIB foi um movimento de extrema-direita, surgido no conturbado período entre-guerras, que teve fortes influências fascistas. Como tais, utilizou largamente da imprensa visando a difusão de sua doutrina, a arregimentação de novos militantes e, ainda, estabelecer uma padronização tanto na difusão ideológica, quanto na estruturação do movimento.

No presente trabalho, utilizando como referência a bibliografia existente sobre o Integralismo e sobre a Imprensa Integralista, buscamos levantar elementos para uma discussão acerca de como a AIB utilizou os meios de comunicações visando atingir os objetivos anteriormente citados e, finalmente, refletir acerca da importância de tais meios para a expansão do movimento.

Palavras-chave: Integralismo; Fascismo; Jornais; Revistas.

Abstract: It's widely acknowledged today, the central importance played by the press in political advertising. According to Leal, the modern political advertising has its origins in Russia with the Russian Revolution, and Germany with Nazism. In Brazil, according to Oliveira, the Ação Integralista Brasileira (AIB) was the first movement/party that used the press systematically and radically, cause until then, those movements and parties held much more informative than doctrinal newspapers. So, respect to political advertising in Brazil, we can say that the Green Shirts were the first to put it into practice.

The AIB was a right-wing movement emerged in the troubled interwar period, which had strong fascists' influences. As such, used widely the press, seeking to spread its doctrine, the recruitment of new militants, and also establish a pattern in the ideology spread and structural movement.

In this work, using the literature about Integralism and Integralist Press, we seek to identify elements for a discussion of how the AIB used the media communications in order to reach the goals above mentioned, and finally, reflect about the importance of these means for the movement expanding.

Key words: Integralism; Fascism; Newspapers; Magazines.

* **MURILO ANTONIO PASCHOALETO** é Graduado em História, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestrando em História, pela universidade Estadual de Maringá (UEM).

Introdução

A Ação Integralista Brasileira (A.I.B.), movimento brasileiro de extrema-direita, fundado, oficialmente, em 1932, por Plínio Salgado, foi um dos movimentos fascistas que germinaram no contexto das crises políticas, econômicas e sociais do conturbado período entre-guerras. Nesse período, o modelo democrático, que já vinha sendo severamente questionado, passa a sofrer ataques ainda mais violentos. A crítica voltava-se, agora, para a principal doutrina econômica em vigor: o liberalismo econômico, que defendia a não intervenção do governo na economia. Desse modo, a guerra e a desordem econômica e social que a ela se seguiram, produziram a busca por novas idéias e novas políticas para tentar solucionar os problemas das sociedades envolvidas. A proposta da esquerda foi o socialismo e o comunismo, enquanto da direita foi o fascismo (BERTONHA, 2005, p. 9).

Apesar de os únicos movimentos fascistas que realmente chegaram ao poder terem sido o Fascismo Italiano e o Nazismo Alemão, é interessante notar que em grande parte dos países, tanto Ocidentais quanto Orientais, até mesmo em países de forte tradição democrática, como a Inglaterra e França¹, surgiram grupos de extrema direita que preconizavam o fascismo como a única solução para os problemas existentes.

¹ Como por exemplo o British Union of Fascists, na Inglaterra, e o Action Française, na França. Mais sobre o assunto em BERTONHA, 2008 e KONDER, 1977.

De acordo com Bertonha, os vários grupos fascistas, apesar de procurarem responder com armas mais ou menos semelhantes à mesma crise política, econômica e social que atingia a todos os países, não eram exatamente iguais, pois surgiram em contextos diferentes, em países com tradições diversas, onde as pessoas pensavam e viviam de maneiras diferentes. Tudo isso iria se refletir em cada um dos fascismos existentes, gerando várias diferenças entre eles. Desse modo, ao mesmo tempo em que podemos chamar a todos esses movimentos de fascistas, somos obrigados a estudar um por um, buscando entender suas diferenças:

[...] os fascismos (seja o italiano de Mussolini, o alemão de Hitler ou o brasileiro de Plínio Salgado) não surgiram do nada ou da fantasia maligna de alguém. Eles estão encaixados no seu tempo, um tempo de medo e desejo de mudanças. Mas refletem não só esse desejo geral, como também as idéias e tradições particulares dos povos e dos homens que os criaram. Isso explica por que podemos chamar a todos esses movimentos de fascistas mas, ao mesmo tempo, somos obrigados a estudar um por um para entender suas diferenças. (BERTONHA, 2005, p. 10)



É o fato dos diferentes fascismos estarem respondendo a estas mesmas crises, no mesmo momento e com armas mais ou menos semelhantes (nacionalismo exacerbado, militarismo, desprezo pela democracia, anticomunismo, irracionalismo, etc.) que dá a eles a unidade que nos autoriza a chamá-los todos de “fascistas” e que nos permite recusar as propostas dos

que querem vê-los como entidades separadas (BERTONHA, 2008). Elucidado o emprego do conceito *Fascismo* para a caracterização do Integralismo, podemos, então, dar início à discussão a que se propõe o presente trabalho.

A imprensa Integralista

A A.I.B. foi o primeiro o primeiro movimento de massas do Brasil a ter uma organização de âmbito nacional. Foi, também, o primeiro movimento/partido que utilizou a imprensa de forma sistemática e radical, pois até então estes mantinham jornais muito mais informativos do que doutrinários. De acordo com Feldmann e Sánchez, é por meio do uso dos meios de comunicação que alguns grupos divulgam suas idéias, para poder expandir seus objetivos rumo a outros públicos e setores, visando integrar, promover e atingir reconhecimento e legitimidade pública (FELDMANN E SANCHÉZ, 2009, p. 2). Levando-se tal afirmativa em consideração, poderíamos dizer que o Integralismo soube explorar de forma exemplar o poder dos meios de comunicação, pois, como nos mostra Oliveira, um dos grandes fatores responsáveis pelo sucesso da inserção social do Integralismo nos anos de 1930 (de acordo com dados oficiais, o movimento chegou a contar com cerca de oitocentos mil militantes² e, de acordo com a historiografia, entre trezentos e quinhentos mil. Seja como for, é um número considerável se levarmos em consideração os precários meios de comunicações daquele contexto) foi, exatamente, a existência de uma extensa rede de jornais e revistas que visavam a difusão de sua

doutrina (OLIVEIRA, 2009, p. 14). Por isso, objetivamos, no presente trabalho, realizar uma discussão acerca da importância dos meios de comunicação, mais especificamente dos periódicos impressos, no desenvolvimento da Ação Integralista Brasileira.

A rede da imprensa integralista era de um tamanho considerável, contando com jornais de circulação nacional, provincial ou regional e nuclear, além de revistas ilustradas e uma de alta cultura, num total de cento e dezessete periódicos: oito grandes jornais diários, 105 semanais, três revistas ilustradas, uma revista de alta cultura, além de cerca de três mil boletins semanais ou quinzenais (O Monitor Integralista apud CAVALARI, 1999, p. 87). Para garantir a padronização, a unificação e o controle sobre essa imensa rede impressa, algumas estratégias foram adotadas pela A.I.B., dentre as quais podemos destacar a criação da Secretaria Nacional de Imprensa (S.N.I.); das Comissões de Imprensa; e do SIGMA – Jornais Reunidos, que era subordinado à Secretaria Nacional de Propaganda (CAVALARI, op. cit., p. 83). Tudo, por fim, era ligado diretamente à Plínio Salgado, chefe nacional da A.I.B, que assim como o S.N.I, recebia um exemplar de cada edição de todos os jornais integralistas (OLIVEIRA, op. cit., p. 16).

Para termos uma idéia da importância despendida à imprensa por parte dos dirigentes integralistas, basta lembrarmos que cada novo núcleo regional da A.I.B. tinha como uma de suas primeiras tarefas a fundação de um jornal. Assim, pode-se perceber que uma relação direta entre o crescimento físico da A.I.B e o de seu número de jornais e revistas foi estabelecida (Ibid., p. 15). Ou seja, segundo Oliveira, podemos dizer que há a existência de

² Número este, possivelmente, inflado pelos dirigentes do movimento e, por isso, visto com muita ressalva pela historiografia (ver BARBOSA, 2007).

uma relação dialética entre o Integralismo e sua imprensa: enquanto o movimento se desenvolve, editam-se novos jornais. Ao mesmo tempo, são estes periódicos os responsáveis por levar a palavra aos futuros militantes (Ibid., p. 13).

A imprensa Integralista desempenha uma função central dentro movimento, pois exerce, ao mesmo tempo, a função de instrumento pedagógico e de cooptador social. Pedagógico, pois trabalhava na difusão da doutrina (Ibid., p. 15). Ao mesmo tempo, age, também, como um instrumento de cooptação, tendo-se em vista que a difusão da doutrina via jornal e revistas se dava a um custo relativamente baixo, tornando, assim, a doutrina acessível a um maior número de pessoas. Afora o custo relativamente baixo, havia a possibilidade de um filiado compartilhar sua publicação com vários indivíduos (Ibidem.).

Além das funções *pedagógicas* e de *cooptador social*, elencadas por Oliveira, acrescentamos, também, a sua função enquanto *instrumento padronizador*, pois, como discutiremos mais adiante, o conteúdo doutrinário dos mais diferentes jornais, das mais diferentes regiões do Brasil, era, basicamente, o mesmo, o que garantia uma padronização dentro do movimento. Ainda neste sentido, nos remetemos à Costa, que diz que os jornais voltados para o público interno do movimento constituem, antes de

tudo, instrumentos de formação interna de opinião e de consolidação da legitimidade e reconhecimento das associações junto a seus próprios participantes (COSTA, 1997, s/p.).

De forma geral, podemos dizer que os livros, os jornais e as revistas tinham um papel-chave no processo de doutrinação. Para Trindade, a abundância dos livros doutrinários dos principais expoentes do movimento, como Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale e tantos outros, foram cruciais para a formação ideológica dos

dirigentes integralistas. No entanto, segundo o autor, foi a existência de uma rede de jornais nacionais – *A Offensiva* e *O Monitor Integralista* – e, sobretudo, o grande número de jornais locais, que explicam a difusão, em diferentes níveis de complexidade, das idéias, força e das palavras de ordem do movimento (TRINDADE, Apresentação in CAVALARI, op. cit.,

p. 10) para os demais militantes. Ou seja, os livros veiculavam as idéias produzidas pelos teóricos do partido enquanto os jornais – e acrescentamos aí, as revistas – as popularizavam. Desse modo, de acordo com Cavalari, a doutrina mantinha-se viva para o integralista graças a sua materialização através do jornal (Ibid., p. 79).

Os jornais da Ação Integralista Brasileira atingiam o seu objetivo de doutrinar ao transmitir a doutrina em larga escala e de modo uniforme, o que



era imprescindível para um movimento de orientação fascista (OLIVEIRA, op. cit., p. 16). Assim, os jornais do interior, aqueles que chegavam até o mais distante dos militantes, eram organizados de modo a reproduzir os jornais maiores, dos grandes centros (CAVALARI, op. cit., p. 79) - como exemplo, o *Acção*, de São Paulo, e o *A Offensiva*, do Rio de Janeiro - onde se concentrava a elite dirigente do movimento.

Dois jornais de circulação nacional compunham a extensa rede impressa do movimento:

O Monitor Integralista e *A Offensiva*. Ambos eram de aquisição obrigatória aos líderes integralistas e recomendados aos demais militantes.

O *O Monitor Integralista* era o órgão oficial do movimento, o que deliberava como deveria ser a estrutura interna da A.I.B. Era nele que se editavam todas as nomeações de membros para cargos nacionais e provinciais, como deveriam ser estruturadas as secretarias nacionais, provinciais e nucleares, e eram também em suas páginas que apareciam as convocações para reuniões e congressos, etc. Todas as resoluções da chefia nacional eram assinadas pelo próprio Plínio Salgado. A abrangência nacional do *Monitor* garantiu a uniformidade da organização interna do movimento nas mais diversas regiões do país (OLIVEIRA, op. cit., p. 151).

Se ao *Monitor* cabia o papel de difundir as normas e estrutura interna do

movimento, ao *A Offensiva* cabia o papel de transmissão da doutrina integralista. Na prática, o *A Offensiva* era principal periódico com que o movimento contava para a difusão de sua doutrina. Sua abrangência nacional foi, também, de fundamental importância para a uniformidade na difusão da doutrina, além de servir como fonte e modelo de referência para os jornais menores. Vale salientar o fato de e o *A Offensiva* ter sido dirigido, em seu início (anos de 1934 - maio de 1935), pelo próprio Plínio Salgado,

Chefe Nacional do movimento, sendo, no período de 1936-1938, dirigido por Madeira de Freitas, figura de destaque dentro do movimento. Quando Salgado deixa a direção do periódico, este passa a estampar em seu cabeçalho, além do nome do jornal, a frase *Orientação de Plínio Salgado*. Ou seja, todo o conteúdo do periódico deveria ser seguido por todos os camisas-verdes, pois este era uma

orientação do próprio Chefe Nacional.

Os jornais de circulação regional (ou provincial) serviam como o instrumento que fazia a ponte entre a Chefia Provincial e os camisas-verdes dos diversos núcleos locais, objetivavam, também, estabelecer um ele de uniformidade entre as diversidades culturais e sociais que muitas vezes se faziam presentes nos Estados (Ibid., p. 166). Além disso, traziam o movimento para mais perto dos afiliados, pois, apesar de publicarem matérias de teor



nacional e internacional, são as notícias regionais que se destacam nestas publicações (Ibid., p. 173).

Os jornais de circulação local ou nuclear são os que possuem o maior número de títulos dentro da rede de imprensa integralista. No geral, tem o formato de pasquins, com periodicidade semanal ou quinzenal. Tiveram vida efêmera, muitas vezes não passando da primeira edição (Ibid., p. 173-174). É interessante ressaltar que por ser mais difícil por parte da Secretaria Nacional de Imprensa, Doutrina e Propaganda exercer um controle sobre todos os jornais nucleares, estes faziam, segundo Oliveira, uma leitura subjetiva do integralismo. De acordo com o autor, o integralismo é transmitido através de matérias e reportagens assinadas pelas lideranças locais. Cada um deles possui uma leitura singular daquilo que é o integralismo. Mesmo que houvesse um fio condutor da ideologia integralista, a visão de cada um deles colocava um caráter subjetivo (Ibid., p. 174).

Fatores locais também influenciam o conteúdo dos jornais nucleares. Como exemplo, o fato jornais de núcleos com grandes centros industriais, tenderem a possuir um apelo mais forte ao movimento operário (Ibid., p. 175), ou, mais interessante ainda, o fato de o jornal integralista *Blumenauer Zeitung*, ter sido editado em alemão (CARONE apud GERTZ, 1987, p. 119) levando-se em conta o fato de circular em um Estado que recebeu grande número de imigrantes alemães, Santa Catarina.

No entanto, Oliveira ressalta que a ideologia não era transformada ou adulterada nestes jornais nucleares. O que acontecia, na verdade, era que tais jornais eram influenciados por fatores regionais e pela subjetividade de seus articulistas, que devido ao afastamento em relação ao centro do movimento,

tinham uma margem maior de interpretação sobre o integralismo (OLIVEIRA, op. cit., p. 175).

Quanto à periodicidade, podemos dizer que os jornais que contavam com uma periodicidade maior tinham espaço para diversificar o seu conteúdo. Dentre estes, podemos destacar o *Acção e A Offensiva*, que, além de textos doutrinários, contavam com fotos, notícias e charges sobre política nacional e internacional, tinham seções dedicadas à economia, finanças, esportes, teatros, cinemas e, inclusive, uma página policial (CAVALARI, op. cit., p. 90). Podemos dizer que os editores procuravam diversificar o conteúdo do periódico esperando que este atingisse um número maior de pessoas. O mesmo não pode ser dito dos jornais de menor periodicidade, cujo conteúdo se detinha apenas na difusão da doutrina (BARBOSA, 2007, p. 122).

Como anteriormente vimos, a rede impressa da Ação Integralista Brasileira contava, também, com revistas ilustradas, como, por exemplo, a *Anauê!*, e uma de alta cultura, a *Panorama*. Estas revistas começaram a surgir a partir de 1935, período em que o integralismo já estava completamente estruturado e adquire registro como partido político, adotando, assim, a via eleitoral em detrimento da revolucionária.

Com esta alteração, houve a necessidade de apresentar propostas sociais ou pelo menos agregar, um discurso que agregasse não só os homens, como suas esposas seus filhos. Por esta razão, este tipo de publicação passou a ter destaque (OLIVEIRA, op. cit., p. 180). Dentro da nova proposta de atrair novos setores, surge a revista *Anauê!*.



A *Anauê!* circulou de janeiro de 1935 à dezembro de 1937. Era uma revista que se dizia voltada para toda a família e apresentava as mais variadas informações, como cinema, teatro, moda, sociedade, higiene e saúde. Era uma revista feita para ser de fácil leitura e, por esta razão, continha textos curtos, sem erudição, e rica em fotografias, caricaturas e desenhos. De forma geral, a *Anauê!* era uma revista que visava atingir um público não contemplado pelos jornais: as mulheres e crianças.

Tendo em vista que a *Anauê!* tinha como público alvo as mulheres e as crianças e os jornais não discutiam questões mais aprofundadas (pois visavam atingir um público amplo) um outro grupo ainda não tinha sido atingido pela imprensa integralista: o dos dirigentes do movimento e os setores mais intelectualizados. Foi para suprir essa lacuna e contemplar a elite intelectual do movimento que, em 1936, foi criada a revista *Panorama*, que, assim como o jornal *Ação*, era dirigida

por Miguel Reale, o principal teórico do movimento.

De toda a rede impressa do movimento integralista, é neste periódico que encontramos, segundo Oliveira, o que poderíamos, mais proximamente, enquadrar como um debate, com vários autores expondo suas idéias e discutindo sobre temas diversos (Ibid., p. 194-195).

Em suma, enquanto os jornais focavam as massas, as revistas eram dirigidas aos grupos que, seja por uma questão de gênero e idade ou de erudição, escapavam desse discurso mais generalizado. Dessa forma, todos os grupos [considerados sadios pelo movimento] acabavam sendo enquadrados dentro da rede de difusão ideológica que os integralistas construíram (Ibid., p. 203).

Considerações finais

Podemos dizer que a imprensa desempenhou uma função central dentro do movimento integralista. Era através dela que a ideologia contida nos livros, formulados pelos teóricos do movimento, era difundida, de forma mais simples do que naqueles, para os quatro cantos do Brasil, levando, assim, a ideologia a um grande número de militantes. Era, também, através dessa imensa rede impressa, sobretudo por meio dos grandes jornais, de circulação mais abrangente e com uma maior periodicidade, como o *A Offensiva*, editado no Rio de Janeiro, e o *Ação*, editado em São Paulo, que o movimento tentava atrair novos camisas-verdes (função de *cooptação*). E era, também, através dessa extensa rede de jornais e revistas que os dirigentes do movimento procuravam atingir uma padronização, não apenas ideológica, mas, também, normativa, do movimento. A combinação de todos estes elementos

foi um dos fatores que possibilitaram à AIB vir a se tornar um movimento de massas, o primeiro organizado nacionalmente no país.

Hoje, reconhecemos que a rede de jornais foi de suma importância para sucesso, no que tange à sua inserção social, obtido pelo movimento Integralista na década de 30. Podemos dizer, ainda, que tal importância já era reconhecida pelos próprios líderes integralistas. Não podemos negligenciar os fatos que apontam para isso, ou teríamos como explicar o constante esforço dos dirigentes do movimento em estruturar (por meio da criação da Secretaria Nacional de Imprensa, das Comissões de Imprensa e da empresa SIGMA) o seu conglomerado jornalístico e estimular, constantemente e concomitantemente à fundação de novos núcleos, a criação de novos periódicos locais? Certamente, a elite dirigente da Ação Integralista Brasileira estava consciente que a imprensa, se bem utilizada, poderia catapultar o desenvolvimento do movimento e, por isso, gastaram tantas energias na criação de novos jornais e na estruturação destes.

Podemos dizer, ainda, que o estudo da imprensa integralista pode nos revelar vários aspectos do próprio movimento, como nos lembra Dotta, que recorda a relutância por parte dos historiadores em utilizar a imprensa como fonte, tendo-se em vista o seu caráter tendencioso. Contudo, o autor relembra que este mesmo caráter tendencioso pode elucidar muito mais a respeito da própria fonte de que sobre seu objeto de descrição. No que tange à imprensa partidária, que, segundo o autor, é ainda mais desprezada, esquece-se que ela pode ser uma fonte fundamental a respeito do partido ou ideologia dos

quais determinado periódico é porta-voz (DOTTA, 2007, p. 163).

Referências

- BARBOSA, J. R. **Sob a Sombra do Eixo: Camisas Verdes e o Jornal Integralista Ação (1936-1938)**. 2007. 274 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.
- BERTONHA, J. F. **Fascismo, Nazismo, Integralismo**. São Paulo: Ática, 2005.
- BERTONHA, J. F. **Sobre a direita: Estudos Sobre o Fascismo, o Nazismo e o Integralismo**. Maringá: Eduem, 2008.
- BLINKHORN, M. **Fascism and the Right in Europe: 1919-1945**. Malaysia: Pearson, 2000.
- CAVALARI, R. M. F. **Integralismo: Ideologia e Organização de um Partido de Massas no Brasil (1932-1937)**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- COSTA, S. Movimentos Sociais, Democratização e a Construção de Esferas Públicas Locais. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, Vol. 12 n. 35. 1997. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091997000300008. Acesso em 09.07.2010.
- DOTTA, R. A. A Imprensa Integralista de São Paulo e os Trabalhadores Urbanos. In SILVA, Giselda B. (Org.). **Estudos do Integralismo no Brasil**. Recife: Editora da UFRPE, 2007.
- FELDMANN, A. F.; SANCHÉZ, W. L. F. Comunicação e Movimentos Sociais no México: O Caso da Plantón. In: Revista, São Paulo, data. Disponível em http://www.usp.br/alterjor/Feldmann_Planton.pdf. Acesso em: 09.07.2010.
- GERTZ, R. **O Fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, Nazismo, Integralismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- KONDER, L. **Introdução ao Fascismo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.
- LEAL, C. de S. **Imprensa Integralista (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30**. 2006. 115 f. Monografia (Trabalho de Conclusão em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

NAVARRO, Z. S. de. Os Movimentos Sociais Segundo o Enfoque da Teoria Sociológica. In II Reunião de Estudos: Movimentos Sociais: Papel a Desempenhar em uma Democracia. In: Gabinete de Segurança Institucional; Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais. Brasília, 2004. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/gsi/saei/paginas/movimentos%20sociais.pdf>. Acesso em 09.07.2010

OLIVEIRA, R. dos S. **Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)**. 2009. 388 f.

Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, PUC-RS, Porto Alegre, 2009.

TRINDADE, H. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: DIFEL, 1979.

TRINDADE, H. **O nazi-fascismo na América Latina: mito e realidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.